

O Nascer do Sol

- Colectânea de Contos -

Vários autores



Tecto de Nuvens

Apresentação

Costuma dizer-se que o sol quando nasce é para todos. É esse o espírito deste “*O Nascer do Sol*”, contos para todos os gostos e para todas as idades.

Estórias tanto com inspiração em factos verídicos, como autênticas fantasias fruto do imaginário dos autores. Em todos os contos, contudo, a observação do ser humano, e dos seus comportamentos e emoções, está presente e é perfeitamente identificável. São textos para divertir e para reflectir, e aqui o “acrescentar do ponto” vai ser feito por cada leitor, que se vai rever nas vivências relatadas, que vai reconhecer rostos familiares nas personagens; e que vai juntar à experiência e dos autores a sua própria reflexão e experiência.

E é por esta dialéctica entre autor e leitor (“dialéctica” no seu sentido mais literal de “caminho entre as ideias”), que tem por ponto de partida a capacidade do autor de observar, imaginar, estruturar e passar ao papel (seja este físico ou virtual), que escolhemos lançar esta colectânea de contos no Dia Mundial do Livro e dos Direitos de Autor.

Porque precisamos dos livros e dos seus autores, e porque também precisamos de saber respeitar, e proteger, o trabalho intelectual de cada um; devemos festejar este dia lendo, dando a ler, escrevendo; homenageando o objecto livro mas também quem lhe está na génese.

Já dizia o crítico de arte John Ruskin: “Se vale a pena ler um livro, vale a pena comprá-lo.” Dentro desse espírito esperemos que este exemplar tenha sido comprado ou vos tenha sido oferecido e agora se vá juntar à lista de bons amigos que nos acompanham nos mais variados momentos da nossa vida, tendo sempre, literalmente, a palavra certa para cada ocasião.

E como o nascer do sol representa um novo começo, que este nosso “*O Nascer do Sol*” seja para cada leitor o começo de boas experiências de leitura.

Feliz dia do Livro e boas leituras!

Teresa Cunha, editora

Em todas as edições temos pedido aos leitores que votem no seu texto favorito, é uma maneira de os leitores incentivarem os autores, mas também de se habilitarem a um prémio. Vamos manter essa tradição nesta colectânea.

Veja, por favor, como o fazer na última folha deste livro.
Muito obrigada!

A importância dos alicerces

Dois irmãos resolveram comprar um determinado terreno, muito bem localizado, para aí construírem as suas casas. Tinham vivido no estrangeiro durante vários anos. A vida correu-lhes bem. Agora, de novo na sua terra natal, tinham a possibilidade de realizar o sonho de construir uma casa. Em crianças, brincaram muitas vezes neste terreno, na altura cheio de castanheiros. Quantas vezes, no país onde viveram, recordaram aquela paisagem muito bela. O local era tranquilo e relativamente próximo do mercado da vila, da farmácia, da estação dos correios e da igreja, e dos transportes públicos.

Concretizada a compra, dividiram o terreno em partes iguais. Não foi difícil escolher a parte de cada um, dado que os lotes tinham características muito semelhantes. A princípio, tinham combinado escolher o mesmo arquiteto para fazer o projecto das casas. Acabaram por pôr a ideia de parte e cada um escolher o seu próprio arquiteto.

O irmão mais velho, dias depois de ter acertado pormenores com o seu arquiteto, recebeu um primeiro esboço da casa e várias estimativas de custo final, tempo de construção. O irmão mais novo esperou várias semanas até que o arquiteto lhe apresentasse não um esboço da casa, mas o estudo do terreno. Ficou a saber que a estrutura dos alicerces teria que ser bastante reforçada dada a composição do terreno. No estudo aparecia localizada, ao fundo do terreno, a possibilidade de extrair água. As estimativas do custo final e do tempo de construção eram mais elevadas do que as do irmão.

Convocou então uma reunião de família. A previsão do

À PROCURA DO MORTO

Quarta-feira é um dia bastante activo na vila. É dia de feira e é também quando muitas pessoas escolhem para ir às compras e tratarem de algumas burocracias judiciais e camarárias.

Já lá vai o tempo em que, neste dia, a vila se enchia de pessoas vindas das aldeias serranas para fazer as trocas de produtos e os feirantes eram às dezenas.

Hoje é quinta-feira e tudo está mais calmo. O sol começa a desapontar por de entre as nuvens que teimam em querer ficar sobre a vila. Há pessoas a caminhar na rua que se podem contar pelos dedos. A calma da pacata vila é notória a quem quer que passe de carro. Os negócios mantêm as portas encostadas devido ao frio que se faz sentir. Podemos também notar alguns recados pendurados no vidro com a inscrição - *volto já* -, é simplesmente uma forma de vida fascinante, de um mundo à parte daquele a que já me habituei.

Alzira era funcionária pública e usava uma farda azul com o logo da CM. Naquele momento pensei que estava em horário do mata – o - bicho.

Alzira, caminhava pela avenida principal com passos lentos, passando, então, em frente da sapataria em direção, não sei exatamente aonde, quando a vejo parar, recuar dois passos atrás, e espreitar a vitrina. De repente dá mais dois passos à retaguarda e balbucia;

-Bom dia Belinha.

- Bom dia Zira! Como está a Zira, anda a passear? O que foi que aconteceu anteontem com o sino? Morreu alguém?

O NASCER DO SOL

Jorge acordou hoje bem cedo. Vai começar a semana de praia da escola e, como todos os colegas, anda ansioso com a antecipação das brincadeiras e aventuras que viverá durante esses dias maravilhosos, ao ar livre, na praia, com colegas e professores.

São sempre dias bem passados: correm, jogam a bola, apanham conchinhas e godos que depois utilizam na sala de aula em trabalhos de colagem e pintura, fazem ginástica, dão passeios pelas dunas e observam as plantinhas que por ali crescem e os caracóis pequeninos agarrados a elas, fazem grandes “locas” e castelos de areia... Enfim. São manhãs bem alegres e divertidas. E também instrutivas. Aprendem muitas coisas. Por isso, nestes dias que precedem a semana de praia, a ansiedade domina-o. E, hoje, mal o dia começou a luzir no horizonte, levantou-se, foi à janela e abriu-a de par em par.

O espetáculo que vislumbrou em frente, nesta manhã de Junho, deixou-o perfeitamente deslumbrado: uma grande bola alaranjada subia pelo espaço e tingia o azul espantosamente límpido e transparente com tons de fogo.

“Como é bonito! Bem dizia o Carlos...” – Disse para si.

Um colega da escola, que um dia saíra muito cedo para ir à pesca com o pai, já lhe tinha falado da beleza do nascer do Sol; mas nunca se tinha levantado suficientemente cedo para vê-lo nascer. Hoje pôde deliciar-se com esse espetáculo a anunciar um dia cálido, luminoso, transbordante de energia, que deixa antever a fantástica semana de praia que irão ter.

No ano passado andava a brincar com os colegas e viram a ponta de uma corda a sair da areia. Puxaram... puxaram... e a corda não saiu; escavaram em volta, fizeram um grande buraco e continuaram a puxar, mas não houve meio de fazê-la.

da ponte a santo ovídeo

a avenida era linda. começava na ponte e acabava em santo ovídeo. a ponte de dom luís. onde agora passa o metro. e os passeios cheios dos turistas. mas esta ponte era onde nós passávamos. estivesse frio ou calor. a chover ou não. nessa altura não era esta enchente de turistas. embora também os houvesse. até porque os armazéns de vinho do porto estavam todos abertos. e isso queria dizer muitos turistas. quem sai da ponte tinha em frente uma avenida longa a larga. no meio duas linhas paralelas de árvores davam a marca à avenida marechal carmona. hoje avenida da república. e muito bem. de uma a três árvores uns bancos vermelhos para nos sentarmos. não havia muitos automóveis. Mas suficientes para despedaçarem alguns bancos. por isso os bancos possuíam algum perigo. mas era muito bom nos sentarmos à sombra das árvores e no meio da avenida. percorríamos toda a avenida a pé. embora os elétricos lá passassem. e depois os troleicarros. mas perto da câmara seguiam outros caminhos. para coimbrões. para santo ovídeo mas via sá da bandeira. porque em gaia também há uma rua sá da bandeira.

duas coisas me lembram de importância. boas ou más não interessa. a primeira do lado direito quem sobe a avenida. mesmo por baixo mosteiro da da serra do pilar. existia ali muita publicidade. era em azulejos. aos vinhos do porto certamente. mas tinha o seu ar de muito engraçado. e ao lado o rei que deu o foral a vila nova de gaia. também de azulejo. tudo até meio. para lá eram árvores. onde nós brincávamos indiferentes ao perigo de tal local. mas agarrávamo-nos às árvores e nunca ninguém se feriu. também nunca pessoa alguma se atirou abaixo. na ponte de dom luís tantos se atiraram. melhor caíram.

FAZER O LUTO

É conhecida a teimosia da morte, aparece quando menos se espera e apenas quando quer. De tanto a esperar João desconhece o seu atalho. Por isso, naquele dia, nem sequer a chama. Senta-se no pequeno muro que ladeia o passeio e observa o pôr-do-sol. Sem se mexer, olhos fixos no horizonte, aguarda que alguém, conhecido ou desconhecido, amigo ou inimigo, com um toque leve ou com um encontrão, o atrapalhe, o acotovele, que alguém se sente ao seu lado e o chame, o mordique, que alguém lhe dirija a palavra. Ninguém é a resposta que o cerca. Mais um dia perdido. A caminhar pelo passeio passam as pessoas na conversa, algumas a sorrir, muitas caminham sós, aquela senhora segura o cão pela trela e além os jovens riem em animada conversa. Mas ninguém, nem uma só alma lhe dirige a palavra. Está ali, imóvel, visível, ansioso, a gritar silêncio quase à uma hora e ninguém o ajuda a rasgar a solidão. João abandona-se, entristece a face e deixa-se ir num pensamento melancólico de tristeza disfarçada. O pôr-do-sol, naquele lugar, aquela hora, pela sua beleza e pelas cores que irradia, deveria merecer um pouco mais de atenção. Mas quê, passeiam de um lado para o outro, conversam, riem, fones ligados, correm, cruzam-se, namoram, brincam mas ninguém observa a despedida daquele sol que, no seu aparente movimento, se despede com um até amanhã calmo e seguro. Nem um par romântico se avista. Todos parecem desinteressados perante o ocaso. Aquele entardecer decide presentear a terra com cores sorridentes mas a indiferença é mais forte. Apenas umas leves nuvens acenam ao sol enquanto o

Exma. Sra. Prof. Cristina

O barulho e correrias das crianças, pelo estreito carreiro da aldeia em direcção à igreja, não deixavam dúvidas aos moradores do lugar, que a escola tinha acabado. Era hora do almoço e todos queriam chegar, o mais depressa possível, a casa, pois o estômago assim o exigia.

Juntamente com elas caminhava a jovem professora Cristina, apressando também o passo, pois uma manhã inteira a trabalhar com quarenta e quatro crianças exigia um rápido almoço!

A modesta casa que alugara na aldeia, pois a sua terra natal, onde vivia toda a sua família, ficava a muitos quilómetros dali, acolhia-a sempre com agrado.

O meio da tarde era esperado com alguma ansiedade, pois era a hora em que o carteiro chegava e distribuía o correio.

Numa pacata aldeia, onde nada se passava, Cristina esperava que chegasse alguma notícia para quebrar a monotonia das tardes.

As três colegas que com ela trabalhavam, residiam numa pequena cidade que ficava a poucos quilómetros daquela freguesia.

Era o fim do mês de Abril. A jovem professora esperava o carteiro junto da cerca que rodeava o pátio, em frente das escadas. Quando ele passou entregou-lhe três cartas.

Como estava um fim de tarde um pouco quente demais para um dia de primavera, resolveu ir sentar-se na beira do poço que ficava à sombra de uma árvore.

Leu a primeira carta que era da mãe; depois a de uma grande amiga; quando se preparava para ler a terceira carta reparou que, além de ter uma letra desconhecida, dizia apenas: *Exma. Sra. Prof. Cristina*, e por baixo o nome da terra – que estranho! De quem seria?...

Arroz Americano - Belo Petisco!

Decorria o ano de 1966-67...

O tempo apaga sempre alguma coisa na história de cada vida. Mas a alma dificilmente esquece o que a moldou e a trouxe até ao presente. Mesmo que a maior parte dessas memórias, *fundantes* daquilo que se é, fique mais ou menos adormecida nas gavetas seladas do subconsciente, a qualquer momento, uma ou outra, poderá acordar...

Desta vez a história inicia com tempo certo. Três de agosto de 1966: uma miúda chegava ao Monte Estoril. Tinha só 14 anos. E um sonho.

A viagem de comboio tinha sido longa. Pela primeira vez se aventurava além de Coimbra. Eram férias escolares e, na Casa/Colégio das Irmãs da Rua Trouville, estavam apenas três meninas mais ou menos da sua idade que, sabe-se lá porquê, não tinham ido de férias. Uma chamava-se Ana; as outras tinham o nome de Lurdes. As três se mostraram tímidas e fugidias diante da recém-chegada, ainda mais tímida do que elas, que eram já da casa.

Andavam sempre longe dela, como que a jogar às escondidas por entre risadinhas incontinentes. Por isso, a *menina nova*, como diziam, nos dois ou três dias que ali ficou, nunca teve a sua companhia. Fazia as refeições sozinha. Foi numa destas refeições que, pela primeira vez, viu diante de si três croquetes compridos e redondinhos. Parecia que tinham rolado numa espécie de areia castanha... Habituada a sardinhas, polvo, bacalhau e carapau, aquele acepipe pareceu-lhe estranho. De que seriam feitos aqueles rolinhos? O que esconderia a sua capa arenosa? Qual seria o seu sabor?

Na sua terra, as chouriças e as morcelas nada tinham a ver

O Bobo da Corte

"Os erros passam, a verdade fica."

Diderot

Num reino distante, onde imperava a justiça do Rei conquistador de um mundo de trevas, das injustiças e malvadezas de nobres sem escrúpulos, vivia um Bobo como conselheiro do seu amo. Além das agilidades para divertir a Corte e seu estimado Rei, tinha uma função pouco comum da maior parte dos reinados do velho mundo. Sempre que alguém era chamado à presença do Rei, este queria-o por perto para, subtilmente, lhe fornecer informações sobre a pessoa em causa.

O Bobo era considerado bastante culto. Tinha-o revelado, já que conseguia ler o íntimo das pessoas, entre outras aptidões como encenador de peças teatrais, exibidas também por ele. Era de uma perspicácia fora do comum, à qual o Rei não se alheava para resolver os casos mais misteriosos. Pelo contrário, ele próprio sabia a quem recorrer, quando se tratava de assuntos, mesmo os litigiosos e ninguém conseguia compreender como o seu amo os resolvia tão facilmente. Abdicava, assim, dos conselheiros da Corte para tomar decisões delicadas.

Vivia o Rei sossegado, uma vez que tinha sempre por perto o seu estimado Bobo e, por isso, havia uma cumplicidade quase desconcertante entre ambos. O Bobo, um servo da Corte, a quem nada faltava. Apesar do vestuário que o caracterizava como um criado ao serviço do seu senhor, todo ele era do melhor tecido vindo do Oriente, chegando, inclusivamente, a usar da mesma indumentária que o Rei.

O Grande Ricardo perdeu o seu coelhinho branco

Era domingo à tarde, e a plateia do maior teatro da cidade estava cheia de pessoas apreciadoras de ilusionismo.

Era a vez de atuar o ilusionista mais novo do grupo, que tinha onze anos, era o Grande Ricardo e tinha um número especial com o seu coelhinho branco que se chamava Frederico (Freddy para os amigos).

O Grande Ricardo chegou ao palco muito nervoso, porque já há alguns minutos que não sabia do seu coelhinho (ainda por cima de manhã o coelhinho acordou resfriado, estava sempre a espirrar e gastou uma caixa inteirinha de lenços de papel!!!).

-Muito boas tardes, senhoras e senhores, meninos e meninas! - cumprimentou o ilusionista enquanto, pelo canto do olho, tentava ver se encontrava o seu coelhinho. - Eu sou o Grande Ricardo e vou fazer muitos truques de magia que vos vão surpreender, deliciar, maravilhar...

De repente, ao Grande Ricardo pareceu-lhe ver uma coisa branca na sua cartola e pensou:

“Ah! Estás aí, ai que alívio, pensei que te tinha perdido!”

Depois, dirigiu-se para a sua cartola, pegou nela e disse, enquanto mexia os seus dedos, em movimentos circulares:

– Abracadabra!

Mas depois de ele dizer a palavra mágica, da cartola só saiu uma pomba branca.

O público aplaudiu, mas o ilusionista estava preocupado.

– Acho que me enganei! – disse o Grande Ricardo para a plateia, que se riu.

Índice

Apresentação	7
António Jesus Cunha	9
	A importância dos alicerces 11
	A lição da pequena videira 14
	Uma princesa africana 17
Ilda Pinto de Almeida	21
	À PROCURA DO MORTO 23
Jeracina Gonçalves	27
	DIÁLOGO INTERESTRELAR 29
	O NASCER DO SOL 35
	QUE MAL FIZ EU À VIDA?!!! 40
Joaquim Armindo	43
	da ponte a santo ovídeo 45
	na minha rua 48
	quando existe o medo 51
Manuel José Martins	55
	FAZER O LUTO 57
	LEÃO 65
	ROSA 74
Maria do Rosário Cunha	81
	<i>Exma. Sra. Prof. Cristina</i> 83
Maria Lucília Teixeira Mendes	87
	Arroz Americano - Belo 89
	Petisco! 98
	Galinhas indiscretas 107
	O Morto que Ri 115
Quito Arantes	117
	O Bobo da Corte 125
Ricardo Morais da Cunha	127
	O Grande Ricardo perdeu o seu coelhinho branco 131
Índice	